S. Stainsack Jr.

BEATA BEATRIX

OU

AS NOCTÍVAGAS OBSERVAÇÕES DE UM ESPANTALHO

(2002/2003)

EDIÇÃO DO AUTOR
2014

S. STAINSACK JR.

S. Stainsack Jr.

BEATA BEATRIX

OU

AS NOCTÍVAGAS OBSERVAÇÕES DE UM ESPANTALHO

(2002/2003)

EDIÇÃO DO AUTOR
2014

1ª edição, novembro de 2014

Todos os Direitos Reservados.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios eletrônicos, mecânicos, fotoquímicos, por fotocópia, magnético, gravação ou outro sem a permissão expressa do autor (Lei 9.610/98 – Lei dos Direitos Autorais – arts. 102-104 e 106).

Este é um trabalho de ficção.
Todos os personagens e eventos retratados neste livro são ficcionais, e qualquer semelhança com pessoas reais ou eventos é puramente coincidental.
As ideias esboçadas neste livro não refletem necessariamente a opinião deste autor.

Copyright © 2014 por S. Stainsack Jr.
Capa: Fotografia de Letícia Jéssica Czarneski

The most merciful thing in the world, I think, is the inability of the human mind to correlate all its contents. We live on a placid island of ignorance in the midst of black seas of infinity, and it was not meant that we should voyage far. The sciences, each straining in its own direction, have hitherto harmed us little; but some day *the piecing together of dissociated knowledge will open up such terrifying vistas of reality, and of our frightful position therein, that we shall either go mad from the revelation or flee from the light into the peace and safety of a new dark age.*

H.P. Lovecraft

Perdemos o poder, mas conservamos o desejo; e o coração almeja ainda a luz que os olhos já não podem suportar.

René Chateaubriand

CAPÍTULOS

PRÓLOGO 09

PRIMEIRA PARTE
I 15
II 18
III 20
IV 23
V 30
VI 36
VII 42
VIII 45
IX 51
X 57

SEGUNDA PARTE
XI 63
XII 66
XIII 70
XIV 74
XV 78
XVI 84
XVII 87
XVIII 93
XIX 99

TERCEIRA PARTE
XX 109
XXI 115
XXII 117
XXIII 123
XXIV 127
XXV 134
XXVI 141

ANEXO 149

PRÓLOGO
(O CISNE EMPALHADO)

Nosso herói é um descrente, sem fé, com fortes tendências a se apoiar na ciência. Mas como lhe falta a fé, esta se tornou o bem mais valioso, sua maior conquista e aspiração. Pois como todos viríamos saber, caso fosse feita uma interessante pesquisa nos meios intelectuais e acadêmicos, sobre qual a maior e mais profunda ausência em todos os caracteres consultados, a sensibilidade, o humanismo, a simplicidade e a fé estariam em primeiro lugar sem dúvida alguma. E tendo, pois, estes resultados nas mãos, nós saberíamos o que verdadeiramente é essencial nesta vida — e o que é desprezível em equivalência. Como já tive a oportunidade de antecipar a consulta aos resultados desta pesquisa imaginária, resolvi passar bem longe da Academia, com medo duma possível contaminação. Se nós desejamos aquilo que não temos, todos deveríamos, após descobrir o que falta aos cientistas — representantes maiores da civilização —, procurar justamente preencher estas carências. Sem esquecer de agradecer aos senhores do saber, a oportuni-

dade que nos deram de, observando os seus erros e desatinos, não seguir os seus passos.

Vale lembrar que este maldito herói do qual falava se trata justamente de mim mesmo. Assim, auxiliado pelas descobertas que relatei acima, tratei logo de negar a ciência, me apegando definitivamente à metafísica, mesmo sem que ainda existisse esperança ou crença em minhas novas convicções. Pois, de um lado, o meu ser, um tanto céptico — já estrangulado por antigas leituras que haviam provado categoricamente por A+B a inexistência de Deus e do paraíso —, me dizia que não havia nenhuma causa nobre, nenhuma elevação espiritual, e que as argumentações em favor da renúncia à carne eram medíocres desculpas de um homem medroso, impotente e fracassado — um homem sem fé que buscava em Deus, no destino e na natureza uma razão maior para as suas próprias incompetências. Porém, de outro lado, havia um ser distinto, filósofo, que cria na existência da alma e amaldiçoava qualquer preocupação mundana — era crente, pois buscava algo a mais que a simples materialidade: movia-se pela intuição, pela percepção de que algo lhe escapava sutilmente. A existência do incognoscível, dum recanto essencial, era para ele mais verdadeira que toda a realidade do mundo.

A simples ideia da existência de um muro me leva a pensar, a duvidar, que possa existir algo por detrás deste muro. E fora a ignorância em não se

pensar nisso por parte dos cientistas que fadou toda a sua ciência a um fracasso anunciado — pois o essencial foi esquecido. A excessiva e única preocupação em se estudar a estrutura da matéria do muro, fez com que se esquecesse de olhar o que havia do outro lado deste mesmo muro. Os cientistas olhavam apenas para o chão, apenas para o que estava ao alcance da sua hedionda miopia. Mas quando, por *livre vontade,* resolvi soerguer um pouco a cabeça, e me livrei da névoa que envolvia as pessoas deste mundo, percebi qualquer coisa que todos ignoravam. Se há um muro, levo-me a crer que algo por detrás também deva existir. E é esta leve impressão que move o imaginário dos verdadeiros artistas — e os faz sensíveis para perceberem o outro lado.

A escrita ilumina as ideias, mostra o caminho, dissipa as dúvidas e firma os argumentos. É uma arte investigativa que sempre conduz a uma aparente conclusão — a verdade do incognoscível, do inefável. Conforta. Faz-nos entendedores de Deus, e às vezes, até de nós mesmos. É, quando sincera, verdadeira arte; e, portanto, essencialmente imperfeita, incoerente, assim como o homem.

19 de novembro de 2002

PRIMEIRA PARTE

I
A DITADURA DO BEM-ESTAR

O ano é 2032. É a sociedade da ditadura do bom desempenho e do bem-estar social. Tudo o que é doente, tudo o que é anormal, todas as disfunções estão eliminadas. É a sociedade biológica, cientificista; a sociedade onde o prazer e a felicidade são artefatos obrigatórios.

As cidades vivem a modernidade — apenas o progresso existe. O Passado é sinônimo de retrógrado, superado, inferior. Todas as antigas instituições ruíram, os antigos valores são desprezados e combatidos. Nas calçadas dos grandes centros a multidão pobre caminha desorientada, e no interior dos edifícios os ricos confortam-se, solitários, com as facilidades de sua ciência, cometendo suicídio.

É a sociedade amoral, sem valores, em que os sonhos são simples produtos para a venda. Neste ambiente onde amar e ser feliz são uma simples técnica — ensinada nas escolas — existe uma névoa densa e constante. Nas ruas, dentro dos prédios, nos abrigos, há uma neblina permanente — cada indivíduo enxerga apenas o que está de imediato à sua frente, ignorando por completo todo o resto que permanece ignoto na claridade.

É a sociedade da uniformização, da onipotência e do ceticismo — é a sociedade das névoas, do isolamento, da coletividade individualista. Quanto a mim, eu sou um simples desempregado. Há três dias completei cinquenta anos e nunca trabalhei em minha vida. Sou privilegiado. Vivo em um abrigo comunitário na superfície. Eu não fumo, não bebo, não leio revistas em quadrinhos, e o meu cão Daniel jamais comeu verduras. Em resumo, não tenho nenhuma despesa. Posso considerar-me um homem livre — não vivo nas cidades e não conheço o amor.

A verdade é que o fim do mundo não veio. Mas a água, cada vez mais rara, tornou-se mais cara que o ouro. Os robôs trabalhadores substituíram os homens robôs trabalhadores. E em 2017 ocorreu o primeiro contato oficial com seres extraterrestres. Eles ofereceram ajuda, disseram que a nossa história estava errada, e se dispuseram a mostrar as respostas para todos os maiores segredos da humanidade: desvendaram o enigma da esfinge, preencheram as lacunas da ciência, refizeram as teorias físicas, etc. Mas o homem em sua grande sabedoria expulsou os invasores, afirmando que nada tinha a aprender em relação àqueles que estavam anos-luz à sua frente.

Assim a história continuou a mesma, a física a mesma, a química, a biologia e a mesma medicina. A espécie humana declarou-se detentora de sua própria verdade, inabalável, única e eterna, e não seriam uns impertinentes viajantes do espaço que